



UN Women, entidade da ONU faz campanha baseada em pesquisas reais do Google sobre o que se diz sobre as mulheres

Cinquenta tons de preconceitos contra a mulher

PRECONCEITO Recentemente lançado, o filme “50 tons de cinza” tem chamado a atenção para a disseminação de comportamentos de opressão contra a mulher e violência por meio de produções artísticas e culturais

Yngridy Pires

Um dos mais intensos fenômenos que marcaram o século XX e o início do século atual foi a globalização, um poderoso processo mundial de compartilhamento de informações, de conhecimentos e de tecnologias. Mas, entre as prin-

cipais marcas deste fenômeno, está também o fluxo e a rápida disseminação de modelos de comportamento e de valores pautados no consumo. Um processo que se dá por meio da mídia e que acabou por criar uma “cultura de massa”.

O problema é que, muitas vezes, os modelos repassados de forma maciça pela mídia, mesmo estando disfarçados de produtos artísticos, reforçam estereótipos em relação às chamadas minorias da sociedade. Essa prática é comum em relação



(Ilustração: Campanha ONU Mulheres)

também à mulher, contribuindo para a reafirmação e legitimação do preconceito e da discriminação contra ela. Em seu artigo “Gênero na Mídia: Análise das Representações Femininas Midiáticas e Suas Inobservâncias aos Direitos Humanos das Mulheres”, de 2014, Amanda Muniz Oliveira reforça esta ideia ao afirmar que algumas programações midiáticas contrapõem-se às lutas das mulheres por igualdade de gênero e promoção dos direitos humanos.

Segundo o estudioso do assunto, Joan Scott, a percepção das diferenças de gênero deveriam ser tratadas de forma natural e igualitária, mas, historicamente, as mulheres sempre foram vistas pelas sociedades primitivas como seres inferiores. Embora tendo conquistado muito espaço na sociedade, a mulher continua sendo

vítima do preconceito, que vem sendo reforçado pela mídia.

De acordo com o sociólogo Darci Cintra, “há um conjunto de padrões culturais que ainda estão presentes na nossa sociedade e que reforçam as relações de desigualdade”. O contato com esses padrões se dá de forma natural ainda na infância, a partir da distinção dos papéis do homem e da mulher no ambiente familiar. De acordo com o pesquisador, até mesmo o comportamento das próprias mulheres, na relação entre elas, pode reforçar esses padrões.

Segundo Cintra, a educação tem um papel fundamental neste processo. “Há a possibilidade de que se construa um pensamento sobretudo reflexivo no sentido de que se possa questionar essa realidade”, afirmou. Ele é do parecer que, dependendo do processo de educação, o conjunto de agências socializadoras como a família, a escola e as Igrejas pode reforçar esses elementos ou serem instrumentos de mudança da realidade.

Para o sociólogo, desde muito cedo, o preconceito contra a mulher é introjetado em nós por meio do contato com um conjunto de símbolos culturais. Isso faz com que os indivíduos não percebem quando algum produto cultural serve como instrumento de reforço a esse preconceito. Por isso, é fundamental, segundo ele, que se desenvolva a consciência crítica das pessoas.

“Cinquenta tons de cinza”

Um dos exemplos de produto cultural que ganhou grande destaque recentemente e inspirou discussões sobre a questão feminista na mídia foi o livro “50 Tons de Cinza”, que foi

transformado em filme pela diretora Sam Taylor-Johnson. A obra faz parte de uma trilogia que inclui também os livros “Cinquenta tons mais escuros” e “Cinquenta tons de liberdade”. A história narra o encontro da recatada estudante de literatura Anastasia Steele com o poderoso magnata Christian Grey e a complexa relação que surge entre eles. Grey mostra-se dominador e adepto do sadomasoquismo, enquanto Steele submete-se aos caprichos do parceiro, ignorando as suas próprias vontades.

Em um debate sobre o preconceito contra a mulher, promovido recentemente pela Faculdade Asces, a pós-graduanda em Direitos Humanos Iana Souza, coordenadora da Mulher do município pernambucano de Santa Cruz do Capibaribe, afirmou que “o debate sobre ‘50 Tons de Cinza’ vem a calhar no momento em que o movimento feminista ganha uma determinada força novamente, porque ele reforça, justamente, os estereótipos que a gente tenta combater no dia-a-dia”. Entre estes estereótipos, ela destaca “o estereótipo da mulher sempre frágil, com uma posição mais submissa” e o estereótipo da mulher apresentado na mídia, ou seja, da mulher “que gosta sempre do homem bonito como um príncipe encantado, rico, que a trata, na verdade, como um objeto de sua propriedade e que manda em sua vida, determinando a maneira que ela deve se portar, se vestir e o modo como ela se coloca na sociedade”.

Esses estereótipos são, segundo Iana Souza, resultado da cultura do machismo e são reproduzidos pela população sem que as pessoas tenham consciência da gravidade

do problema. “A mulher costuma reforçar os estereótipos e o papel que é imposto para ela na sociedade. Muitas vezes, sem nem mesmo perceber que está fazendo isso”, afirmou.

O sociólogo Cintra relaciona esse processo por uma característica da sociedade atual que ele denominou de “reflexividade”, e que consiste no fato de os elementos simbólicos, valorativos, serem também orientados pelos produtos culturais, que, uma vez consumidos, servem como orientadores do comportamento das pessoas. Afirma o estudioso “Daí porque é possível fazer uma relação entre o consumo de “50 Tons de Cinza” como produto cultural e a adoção de um conjunto de comportamentos e valores que passam a ser orientados pela história”.

Defensores da obra como expressão da liberdade artística argumentam que “50 tons de cinza” é apenas uma história. Mas é preciso compreender, segundo Cintra, que produtos como este são facilmente distribuídos, chegando indistintamente a todos os públicos, podendo incitar, assim, a violência e o desrespeito contra a mulher. “Há um risco de que, se esses produtos culturais reforçam essas relações de desigualdade, eles acabem também ratificando essa orientação de comportamentos que as mantêm”, justifica Cintra

Machismo camuflado

Neste contexto, como seria possível combater o machismo, que, atualmente, se apresenta de forma tão natural na mídia? “Uma opção seria debater o tema e tentar mostrar o machismo de cada dia que vem extremamente camuflado de forma que as



Debate promovido pela Asces sobre o filme “50 Tons de Cinza”, abordando aspectos como o machismo e a opressão contra a mulher

pessoas não conseguem perceber”, sugere Iana Souza. A liderança feminista defende ainda que uma das grandes missões de toda sociedade é tentar combater a prática do machismo, que se coloca como uma expressão cultural extremamente arraigada e que vitima tanto homens quanto mulheres no modelo atual de sociedade.

Um ponto importante a ser observado, segundo Iana Souza, é que, na obra “50 Tons de cinza”, os estereótipos do homem dominador e da mulher como submissa são apresentados como estivessem no plano da fantasia, e não da realidade. Mas, na sociedade atual, o que se observa, segundo ela, é que as mulheres sofrem situações de violência tanto física quanto psicológica que quase sempre não são encaradas na gravidade que têm pelos outros e nem mesmo por elas próprias.

A coordenadora explica que isso se dá porque, ao crescer numa cultura machista na qual este tipo de comportamento é natural, é comum que a mulher se acomode diante deste problema. “Acontece de a mulher estar em uma situação de violência psicológica, de inferioridade, se comparada ao seu companheiro, mas ela nem sequer percebe”, explica ela. E

complementa: “Eu acredito que o papel da sociedade civil, por meio dos movimentos sociais, é extremamente importante para agir contra isso”.

Segundo Souza, as políticas públicas para as mulheres são instrumentos que as mulheres têm no combate da violência diária, “que passa, muitas vezes, despercebida”. Nesse sentido, ela afirma que muito se diz a respeito da luta contra o machismo, mas o empoderamento das mulheres a assumirem a sua completude como ser humano ainda é visto por alguns indivíduos com maus olhos. “A bandeira feminista não é compreendida em sua totalidade, e para a quebra de preconceitos é preciso ainda difundir e explicitar que o movimento não pode ser visto como o contrário do machismo”, afirmou ela.

“O machismo é um sistema de opressão, que oprime as mulheres colocando o homem em uma posição de superioridade e o que o feminismo quer, na verdade, é colocar a mulher em uma posição de igualdade em relação ao homem na sociedade. Não seria de bom tom e nem serviria para o tipo de sociedade que o movimento deseja construir, que a mulher tomasse o lugar do opressor e passasse a oprimir o gênero oposto”, esclarece Iana Souza.